

Bush pede aos bancos que apoiem o plano de redução das dívidas

por Peter Riddell
do Financial Times

O presidente George Bush fez um apelo direto aos bancos comerciais internacionais para que apóiem o plano de redução da dívida do Terceiro Mundo de seu secretário do Tesouro, Nicholas Brady. Em seu discurso perante a reunião conjunta anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial (BIRD), em Washington, Bush salientou que os bancos comerciais têm um papel especial para a concretização da estratégia da dívida.

Bush também assumiu a mesma linha anteontem à noite, quando convidou importantes banqueiros e autoridades financeiras para uma recepção na Casa Branca. A intervenção de Bush sobre a questão da dívida do Terceiro Mundo é inédita para um presidente norte-americano, e decorre do temor da Casa Branca de que o Plano Brady, lançado há seis meses, esteja perdendo o ímpeto devido à relutância dos bancos comerciais em fornecerem novos créditos.

OPOSIÇÃO BRITÂNICA
O ministro das Finanças britânico, Nigel Lawson, advertiu, porém, que seria uma "insensatez" as pressões dos governos sobre os bancos, ressaltando que, tirando a questão dos riscos morais, tais iniciativas provavelmente não terão efeito. Lawson recordou que o governo britânico "assinou" o Plano Brady, mas não interferia perante os bancos a respeito de questões que devem ser decididas por eles próprios.

Lawson recusou-se a fazer comentários sobre a intervenção de Bush, limitando-se a declarar que considerou "agradável" a recepção de anteontem.

O presidente norte-americano ressaltou na recepção que o FMI, o BIRD e os bancos comerciais têm "importantes papéis a desempenhar". No discurso de ontem, Bush afirmou que os bancos comerciais devem prosseguir com os esforços feitos com o México e as Filipinas, "e ampliar seus esforços com outros países".

"Nós encorajamos essas medidas, não como um auto-sacrifício, mas em nosso próprio interesse. Um verdadeiro sucesso não ajudará apenas os países devedores mas também fortalecerá os bancos ao colocar suas próprias carteiras de empréstimos em uma base mais sólida."

Bush afirmou também que uma das lições tiradas da crise da dívida é que "estamos todos juntos nisso. E quando cooperamos

Bush e a economia...

por Maria Clara R.M. do Prado
de Washington

(Continuação da 1ª página)

Para os países em desenvolvimento, Bush reafirmou a importância da estratégia da redução da dívida externa, mas deixou claro que não funcionará sem que visíveis políticas econômicas sejam adotadas por parte dos devedores. "Políticas de ineficiência, irrealistas e inibidoras do crescimento devem desaparecer, os benefícios estão à disposição de um elenco de outros países — além do México e das Filipinas — que persigam a reforma econômica."

Os programas de redução de dívida são um complemento à continuidade do processo de novos financiamentos e "devem colocar de volta os países devedores e os bancos comerciais para o lugar que lhes pertence: a mesa de negociação", disse ele, informando aos governadores que os Estados Unidos reconhecem a necessidade de o FMI dispor de recursos adequados para preencher seu papel no processo da redução da dívida externa. "Vamos continuar trabalhando com outros membros na expectativa de encontrar uma decisão sobre as cotas em torno do final do ano."

entre nós, saímos todos vencedores".

As declarações do presidente deverão proporcionar um novo ímpeto aos esforços do Brady para persuadir os bancos a lançar em perda empréstimos existentes e a fornecer novos créditos. O apelo direto de Bush realça a importância política dada pela Casa Branca a essa questão, além de seu desejo de garantir que o Plano Brady seja mais amplamente aplicado, e não apenas ao México e às Filipinas.

MAIS RECURSOS PARA O FMI

Em seu pronunciamento de ontem, Bush mostrou simpatia para com o pedido do FMI de um aumento em seus recursos, que, até o momento, os Estados Unidos relutam em aprovar. O presidente afirmou que os Estados Unidos "reconhecem que o FMI deve dispor de recursos adequados para cumprir seu critico papel, e continuaremos a trabalhar com os outros membros na esperança de alcançarmos uma decisão sobre as cotas até o final do presente ano". Bush, no entanto, evitou abordar a polêmica questão de quanto as cotas devem ser elevadas.